



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 6 DE MAIO, DE 2024 - 21H00



“Alma Viva” de Cristèle Alves Meira (2022)

Realização Cristèle Alves Meira; Argumento: Cristèle Alves Meira, Laurent Lunetta; Director de fotografia: Rui Poças; Conselheiro artístico: Julien Michel; Montagem: Pierre Deschamps; Música original: Amine Bouhafa; Som Amaury Arboun, Ingrid Simon, Philippe Charbonnel; Director de arte: Rafael Mathé; Assistente realização: Ângela Sequeira; Directores de produção: Joana Carneiro Reis, Pascal Metge; Em associação com Tandem, Kinology, em co-produção com Mathematic, Les Films Pelléas, Studio Exception, Belga Productions, co-produtores Raquel Morte, Sébastien Delloye, Produtores Pedro Borges, Gaëlle Mareschi; com o apoio financeiro ICA Instituto do Cinema e do Audiovisual apoio à co-produção minoritária Fundo ICA-CNC apoio à co-produção luso-francesa Fundo de Apoio ao Turismo e ao Cinema, RTP - Rádio e Televisão de Portugal; com o apoio Eurimages, l’Aide aux cinémas du monde - Centre national du cinéma et de l’image animée - Institut Français, Proarti Fonds de dotation pour la création artistique et la diversité culturelle en France et en Europe, Centre du Cinéma et de l’Audiovisuel de la Fédération de Wallonie-Bruxelles, Tax

Shelter via Belga Films Fund; com o apoio Câmara Municipal do Vimioso, Câmara Municipal de Mogadouro; uma produção Fluxus Films (França), Midas Filmes (Portugal), Entre Chien et Loup (Bélgica)

Com: Lua Michel (Salomé), Ana Padrão (Fátima), Jacqueline Corado (Aida), Ester Catalão (avó), Duarte Pina (Dantas), Arthur Brigs (Joaquim), Catherine Salée (Cathie), Marta Quina (Gracinda), Leonel Reis (José), Sónia Martins (Glória), Amadeu Alves (Rúben), Eliane Caldas (Louana), Viriato Trancoso (Ramiro), Valdemar Santos (pastor), São Domingos (mulher pastor), Nuno Gil (irmão Miguel), Pedro Lacerda (médico), David Pereira Bastos (Leonel),

Festivais: Festival de Cannes - Semana da Crítica, em Competição

Duração: 86 minutos; Distribuição em Portugal: Midas Filmes; Classificação etária: M/14 anos;

Em Alma Viva, Cristèle Alves Meira propõe-nos a evocação de uma memória situada onde ficaram cristalizados elementos da sua própria identidade. Algo que nos descreve, na nossa entrevista, com a singeleza de um cinema encantado e simples nos seus processos. É isto um filme feito com alma, com vida.

Depois da apresentação no passado festival de Cannes, na Semana da Crítica, além de diversos outros certames, como recentemente, o festival Seminci, em Valladolid, chegou a hora de desfrutar Alma Viva também nos nossos cinemas.

Este é um filme onde a cineasta parece voltar à morada de onde nunca saiu. Pois, apesar de viver em França, a cineasta luso-francesa regressou regularmente com a família a Junqueira, a terra da mãe, uma aldeia de Trás-os-Montes, no concelho de Vimioso. Uma viagem concretizada agora com a sua primeira longa metragem, ainda que, de certa forma, já esboçada nos ensaios das curtas anteriores, Campo de Víboras (2016) e Sol Branco (2015), provavelmente já com a mira neste projecto maior, em que a sua própria memória parece ser filtrada pelo olhar de Salomé/Lua Michel, uma menina de 10 anos, sua filha, que seguramente importa reminiscências do seu próprio passado.

Sim, é uma história que evoca não só a interioridade de Portugal, a emigração, mas também a bruxaria, as festas locais, as máscaras, crenças religiosas ancestrais e até temas que podem transformar os adultos em monstros por questões financeiras e heranças. Inesperadamente, um tema adequado até ao espírito de Halloween, com Trás-os-Montes a revelar-se bem mais talhado que muitas produções milionárias de Hollywood. Nesse aspecto, assume relevo a fotografia discreta e sempre tão próxima de Rui Poças ao criar ambientes e desenhos de luz que nos remetem para algo que se torna muito familiar como as nossas recordações.

A menina Salomé (Lua Michel) chega à aldeia, vinda de França, com os pais, e logo assume um território que conhece os seus passos, os locais, os animais, os segredos, o sotaque particular. Ali mesmo onde as mulheres parecem ter a fibra que falta aos poucos homens que ainda não partiram. Sobretudo Salomé que terá um “corpo aberto”, como lhe recorda a avó, qualquer coisa presa no ADN, mas que é o suficiente para sobressaltar aquela pequena comunidade.

Em redor desta simplicidade juvenil, e profundamente feminina, ausculta a realizadora memórias muito familiares, invocando um certo realismo bucólico (ou mágico!) e familiar, ainda que paredes meias com um universo de uma carga de crenças mais profundas. Como aquelas que a avó (tremenda Ester Catalão) evoca nas lengalengas, rezas e preces aos santos, suficientes para acordar entidades lendárias que desafiam os incrédulos. Sempre com a robustez e franqueza transmontana com que a avó ou Fátima (Ana Padrão) advertem a pequena Salomé com um carinhoso “tem muito cuidado minha filha”.

Central é, de resto, a cena da morte da avó, ocorrida em circunstâncias traumáticas, não só por libertar na pequena Salomé todas as crenças que partilhava, mas também por expor de uma forma crua os interesses mais mesquinhos da família, que logo ultrapassa o corpo da defunta para privilegiar interesses pessoais.

É um pouco este registo em que o universo infantil se joga com os enigmas, mais ou menos compreensíveis, mais ou menos funestos, dos adultos, com a espantosa Lua Michel a adquirir um papel decisivo. Na verdade, ela transporta o filme (e nós com ele) pelo seu olhar peculiar diante as coisas, os objectos e os seres. Tal como Ana Padrão, de alguma forma invocando um prolongamento da sua presença de Campo de Víboras, em mais uma avassaladora entrega de corpo e alma.

Será até nessa possibilidade de vermos mais o filme através da perspectiva de Salomé do que pelos adultos que toda essa dimensão surreal, onírica e terrífica adquira contornos singulares. Como se os seus pensamentos acentuassem os comportamentos desajustados dos adultos. Porque será que este filme nos



convocou a memória de algumas referências fílmicas? Como as pequenas descobertas da vida pelas personagens de Aniki Bobó, a primeira ficção de Manoel de Oliveira, ou os segredos e o ambiente arrepiante de *Night of the Hunter*, o único filme de Charles Laughton. Ou até a proposta de uma elevação de alma que nos fez pensar na singeleza de *A Palavra*, de Dreyer. É claro que não são as referências que importam, pois o que nos propõe este filme habitado por algo que não dominamos é talvez essa liberdade de olhar e descobrir.

Paulo Portugal
In Comunidade, Cultura e Arte



Cristèle Alves Meira

"Costumo dizer que são os mortos que fazem dos vivos criadores de histórias"

A primeira longa-metragem de Cristèle Alves Meira, *Alma Viva*, estreia nos cinemas a 3 de novembro. A história, inspirada na infância da realizadora, segue a pequena Salomé que passa férias numa aldeia em Trás-os-Montes. A criança tem uma relação especial com a avó, considerada "bruxa" pela população. Quando esta morre, a discórdia no seio da família torna-se violenta. Ao mesmo tempo, Salomé é assombrada pelo espírito da anciã. Conversámos com a cineasta sobre esta obra que lhe é tão familiar.

Alma Viva remete-nos para as suas memórias de infância. Podemos afirmar que o filme presta homenagem àqueles que ama?

Sim, sem dúvida. A minha vontade de fazer cinema, em particular uma longa-metragem de ficção, teve como ponto de partida a morte da minha avó. Costumo dizer que são os mortos que fazem dos vivos criadores de histórias, e no meu caso foi mesmo assim. Passei muito tempo a tentar recordar a história da minha avó, a preencher os vazios dos segredos familiares. Compreendi posteriormente que tinha de afrontar a minha subjetividade, porque a história era a da minha avó e não a minha. Fui preenchendo os vazios com a ficção, e foi a ficção que teve mais força. Comecei a escrever esta história marcada pelo sentimento de injustiça que senti com a morte da minha avó, por ter assistido a muitas discussões familiares. A única cena autobiográfica é aquela onde a menina, debaixo do caixão da defunta, olha para os adultos enquanto estes discutem ferozmente. Tudo o resto foi muito inspirado em histórias que ouvi e também em leituras antropológicas sobre a bruxaria. O filme é uma homenagem às histórias do Portugal interior e aos emigrantes, como eram os meus pais. Este filme é, para mim, uma forma de transmitir uma realidade social, mais tradicional, ligada às crenças.

Como foi filmar num local familiar tantos anos depois? De que forma o cenário inspirou a história?

Filmámos na aldeia da minha mãe e da minha avó materna, e tenho uma relação muito íntima com o local e as pessoas. Há muita inspiração do real no filme: os décors, as casas, paisagens, lugares, e nas pessoas com as quais já tinha trabalhado, ou com quem já tinha uma relação familiar, como é o caso da Salomé [Lua Michel], a minha filha... Mas houve um trabalho enorme de encenação para criar uma aldeia mais sobrenatural. Esse trabalho foi feito também em conjunto com o Rui Poças que é o diretor de fotografia. Queríamos trabalhar de uma forma minimalista e dar a sensação de que tudo é natural e real mas, na verdade, os céus estrelados, os sons dos animais noturnos, tudo isso, resulta da magia do cinema. Fomos recriando uma aldeia para uma história que é quase um conto, que tem uma dimensão romanesca. Na minha obsessão pelo cinema há uma vontade de mergulhar no real, por isso preocupo-me em não deixar transparecer que estamos a “mentir”. Até com os atores, muitos não tinham diálogos programados porque tento recriar os imprevistos da realidade para que sobressaia uma determinada vitalidade.

Há um estigma que acompanha esta família: a infidelidade e a independência da matriarca. A feiticeira é como um superpoder para enfrentar aqueles que não a aprovam?

A figura da bruxa é uma figura feminista e não é por acaso que é uma figura utilizada pelas feministas. Isto acontece porque “a bruxa” é uma invenção dos homens ocidentais para acusar as mulheres que eram mais independentes, livres sexualmente ou que tinham rituais ligados ao paganismo. Ao regressarmos a essa figura, às memórias arcaicas da bruxa, questionamos também a nossa mentalidade atual. A personagem da avó é uma mulher que vai contra as tradições, contra o conservadorismo. Ela assume a sua liberdade, até assume os seus seios como um património central. Todas as mulheres do filme fogem ao tradicional: a tia que tem um amor transgressivo e lésbico com a vizinha ou a mãe da Salomé que assume educar uma filha sem pai. Até a própria Salomé, que representa uma parte mais obscura da infância, é acusada de ser um diabo porque não é uma menina simpática, bem-educada, mas sim uma criança que lida com um desejo de vingança, que quer restabelecer a justiça. O seu olhar no final é o de uma mulher poderosa, que vai assumir a herança de comunicar com o invisível. Todas elas são mulheres poderosas, emancipadas, e embora o filme não tenha um discurso feminista é, claramente, um filme feminista.

Expor comportamentos preconceituosos foi também um dos propósitos do filme?

A minha vontade era fazer um filme que fosse uma aventura, com litígios entre vizinhos, com guerras. Uma história de bruxedo que leva a uma morte. Uma história do universo dos contos. O confronto final, quase teatral, onde são arremessadas pedras contra a família, o incêndio apocalíptico que atinge a localidade, tudo isso são cenas que nos remetem para o género western ou o filme de aventura. O objetivo não é só revelar uma realidade social, mas sim fazer transparecer o lado cinematográfico e dramaturgico.

O elenco inclui atores profissionais, mas também não atores. Como foi feito o casting?

O casting demorou alguns anos. Antes de fazer esta longa-metragem, tinha feito curtas e já havia trabalhado com muitos dos atores que aparecem no filme. Maioritariamente são atores não profissionais que aceitaram desafiar-se nesta experiência de cinema. Os atores profissionais como a Ana Padrão, a Catherine Salée, o Valdemar Santos ou a Jacqueline Corado são fundamentais no equilíbrio e no processo de casting, porque têm uma inteligência emocional e uma visão mais profunda do projeto. Foram muito generosos por aceitarem trabalhar com pessoas que têm uma interpretação mais intuitiva e que precisam de algum acompanhamento. Houve um equilíbrio muito interessante, porque os atores não



profissionais conseguem ser mais espontâneos e ter uma relação mais íntima com os décors... Isto tem a ver com aquilo que referi anteriormente que é a minha vontade em fazer um retrato realista e dar credibilidade à história. É algo que advém da minha experiência como espectadora, gosto de acreditar naquilo que estou a ver, por isso foco-me muito na forma de falar, de mexer. Sou uma realizadora de poucos takes. Observo muito as pessoas antes de as filmar e aproveito características que têm na vida real para enriquecer a ficção.

A sua filha é a protagonista. Foi uma escolha imediata? Como é dirigir uma filha tão jovem?

Não, de todo. Comecei a escrever o filme quando estava grávida da minha filha, por isso era algo que nem me passava pela cabeça. A personagem da Salomé foi durante anos uma adolescente, transformou-se numa criança já no final do processo. Procurei uma criança para o papel durante um ano e meio, sem saber que afinal ela estava aqui em casa. Não foi uma escolha fácil, é uma grande responsabilidade e tivemos que criar algumas regras para que ela separasse a mãe que vive com ela e a mãe do trabalho. Tínhamos uma coach que a orientava e que estava entre nós para que não fosse sempre eu a falar com ela. Correu muito bem.

Esta é a sua primeira longa-metragem. Sabia à partida que o filme teria este formato?

Percebi logo que tinha que ser uma longa-metragem. Antes de fazer cinema, fazia encenação no teatro. Foi esta história que me levou ao cinema de ficção. No entanto, e apesar de já ter a história, senti que não podia começar por fazer uma longa-metragem. Percebi que tinha de preparar o terreno, preparar-me a mim e aos atores... Enquanto estava a escrever a longa fiz as curtas como forma de preparação.

A emigração é uma temática recorrente nos seus filmes.

Sou filha de emigrantes. Abordar este tema ajuda-me a questionar a minha identidade e permite-me falar de uma realidade íntima e cultural. Gosto de dizer que ser emigrante é uma cultura, uma forma de ver o mundo. Há sempre obsessões que nos acompanham, vou com certeza continuar a contar histórias sobre este tema.

O filme esteve presente na Competição da Semana da Crítica do Festival de Cannes e foi selecionado como candidato português aos Óscares. Qual a importância da participação nestes eventos internacionais?

Quando fazemos filmes queremos que o público os veja e a participação nestes eventos permite-me ter acesso ao mundo e dar a conhecer determinada realidade lá fora. As pessoas da minha aldeia, que participaram no filme, ficam muito orgulhosas porque as paisagens, as tradições e até o modo de falarem, estão a ser partilhadas com pessoas do mundo inteiro. Claro que, de uma perspetiva mais individualista, a participação nestes eventos ajuda-me a avançar na carreira de cineasta, facilitando também o financiamento de outros filmes.

**Entrevista por Ana Figueiredo em
Agenda Cultural de Lisboa**



Filmografia de Cristèle Alves Meira

“Alma Viva” (2022); “Tchau tchau” (curta, 2022); “Invisível Herói” (curta, 2019) “Campo de Víboras” (curta, 2016), “Sol Branco” (curta, 2015)

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 27 DE MAIO DE 2024

MASTERCLASS Cinema Americano Anos 80 21H00 (entrada livre)

“STAR WARS - O IMPÉRIO CONTRA-ATACA” de Irvin Kershner / 1980